

**KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO
ENSINO**

**PODER E RESISTÊNCIA
FEMININA NA ÁFRICA CENTRO-
OCIDENTAL: RAINHA NJINGA
MBANDI (XVII)**



*Rainha Njinga Mbandi com sua
comitiva militar (1622). Slavery
Images. Disponível em:
<<http://www.slaveryimages.org/s/slaveryimages/item/2284>>Acesso em: 12.
jul.2022.*





KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

Coordenação:

Prof.^a Dr.^a. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Alunos

Isabella Oliveira Cafer

Eduardo Elias da Silva Junior

Lucas Fortunato de Souza

**Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD
Departamento de História – FFLCH –USP
2022**

LISTA DE DOCUMENTOS

1A. 20 kwanzas (2014). Angolan coins catalog. Disponível em: <<https://worldcoinsinfo.com/world/angola-coins.html>> Acesso em: 12 jul. 2022.



1B. Café ginga, FONSECA, Mariana Brack. **Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora**, Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2018. p. 103. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31072018-172020/publico/2018_MarianaBracksFonseca_VOrig.pdf> Acesso em: 12 jul.2022.



1C. Estátua da rainha Njinga no Museu Nacional de História Militar. Disponível em: <[Rainha Njinga em nova moeda de Kz 20 - Rede Angola - Notícias independentes sobre Angola](#)> Imagem de: Kindala Manuel/JAImagens Acesso em: 12. jul. 2022.



2A. CADORNEGA, António de Oliveira de. **História geral das guerras angolanas (1681)**. 3 vols. Ed. Anot.Cônego José Mathias Delgado (vols.1 e 2) e Manuel Alves da Cunha (vol.3). Lisboa, 1972, p. 208- 209.

2B. Mapa A: Antigos Reinos Ambundos. XAVIER, Francisco da Silva. **Fonologia segmental e supra-segmental do quimbundo**, Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, 2010, p. 17. Disponível em: <[Microsoft Word - tese-part1.doc \(usp.br\)](#)> Acesso em: 12. Jul.2022



Mapa B: África centro-ocidental, FONSECA, Mariana Brack. **Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora**, Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2018. p. 45. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31072018-172020/publico/2018_MarianaBracksFonseca_VOrig.pdf> Acesso em: 12 jul.2022.



3A: CAVAZZI, Giovanni. **Descrição histórica dos três reinos: Congo, Angola e Matamba.** Livro Quinto. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. p. 67- 68.

3B: CAVAZZI, Giovanni. **Descrição histórica dos três reinos: Congo, Angola e Matamba.** Livro Quinto. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. p. 67.

História em quadrinhos: Njinga A Mbande: Rainha do Ndongo e do Matamba. Disponível em: <[Njinga A Mbande: Rainha do Ndongo e do Matamba - UNESCO Digital Library](#)> Acesso em: 12. Jul. 2022.



4 CAVAZZI, Giovanni. **Descrição histórica dos três reinos: Congo, Angola e Matamba.** Livro Quinto. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. p. 68.

5A: CADORNEGA, António de Oliveira de. **História geral das guerras angolanas (1681).** 3 vols. Ed. Anot.Cônego José Mathias Delgado (vols.1 e 2) e Manuel Alves da Cunha (vol.3). Lisboa, 1972.

5B: AGUALUSA, José Eduardo. A rainha Ginga. Rio de Janeiro: Foz, 2015, p. 12-13

5C: FONSECA, Mariana Bracks. Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola Séc. XVII. 2012, Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo). P. 157 Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14032013-094719/publico/2012_MarianaBracksFonseca.pdf> Acesso em: 12. jul. 2022.



6: CAVAZZI, Giovanni. **Descrição histórica dos três reinos: Congo, Angola e Matamba.** Livro Quinto. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. p. 76-85

7A. NETO, Agostinho. Sagrada esperança. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1979. p. 123. Disponível em : <<https://archive.org/details/dli.ernet.484991/page/n69/mode/2up>> Acesso em: 12. jul. 2022.



7B. FERRÉZ. Manual Prático do Ódio. São Paulo: Planeta, 2014

LEITURA DOS DOCUMENTOS

Uma monarca Mbundu do século XVII se faz presente na história e no imaginário angolano por sua resistência aos portugueses colonizadores tornando-se, por vezes, símbolo de heroísmo feminino na África. A Rainha Njinga Mbandi¹ destaca-se em muitas narrativas pelo domínio da política Mbundu em uma época de extrema instabilidade política na região da África Centro-Occidental, disputando o poder de um dos maiores reinos daquele período, o Ndongo, e consolidando um estado poderoso e inteiramente novo no potentado de Matamba². Nas décadas de 1960 e 1970, tornou-se peça chave do nacionalismo e do liberalismo angolano, sendo caracterizada pela historiografia africanista como heroína protonacionalista, a única figura com a qual os ideólogos do MPLA e da UNITA poderiam concordar.³

Em finais do século XVI o reino do Ndongo havia se estruturado como um dos principais poderes políticos da região, reunindo sob sua autoridade um grande território e uma grande quantidade de sobas avassalados. É no ano de 1624 que seu governante Ngola Mbandi faleceu e uma disputa sucessória pelo título de Ngola, envolvendo sua irmã Njinga Mbandi, instaurou-se na região.⁴ Sua legitimidade como herdeira do título era extremamente controversa e por isso encontrou dissidentes dentro do reino que decidiram apoiar outras linhagens. Além da oposição interna, os portugueses faziam frente ao poder de Njinga oferecendo apoio à linhagem de Ari Kiluanji, líder de outra linhagem em disputa na sucessão.

Aliando-se a grupos jagas em busca de força e legitimação do poder Ngola no Ndongo e resistindo ao avassalamento e ao avanço português na região, Njinga tornou-se uma inimiga em potencial dos estrangeiros e dominou e estruturou o reino vizinho de Matamba. Esse reino teria se constituído em um polo de atração populacional extremamente importante para se fugir das guerras de escravização, recebendo dois grandes fluxos migratórios, um em 1620 e outro em 1630, responsáveis por garantir uma base de apoio externa de grande heterogeneidade étnica.⁵ A rainha teria transformado Matamba em um

LEITURA DOS DOCUMENTOS

muito poderoso graças às mudanças que impôs nas rotas do tráfico de escravos e teria se tornado a mais importante vendedora e detentora de escravaria da região. Extremamente resistente ao avassalamento e à frente deste reino em ascensão, tornou-se uma das principais inimigas dos portugueses, estabelecendo um cenário de constantes guerras.⁶

A intenção deste Kit Didático é discutir e problematizar o poder e a resistência feminina frente à invasão portuguesa do continente africano, tendo como trajetória histórica de referência, a atuação da Rainha Njinga Mbandi. A partir dela, pretendemos abordar suas relações com o estrangeiro (portugueses e holandeses) como estratégias de adequação e resistência a diferentes conjunturas históricas. Além disso, dadas as dificuldades de acesso a fontes africanas impostas tanto pelo período quanto pelas próprias características culturais de registro e memória dos povos africanos discutidos aqui, pretendemos interpretar a documentação europeia como textos e imagens produzidos por europeus que, por muitas vezes, transpuseram seus valores sociais, políticos, culturais e religiosos ocidentais em um esforço de interpretar uma realidade africana totalmente nova e diferente.

O **documento 1** é composto por três imagens que retratam Njinga. A primeira é uma moeda angolana de 20 kwanzas que em uma de suas faces possui o rosto da rainha (**1A**). A segunda, são embalagens do “café ginga”, uma marca de café que tem sua imagem como slogan (**1B**). A terceira é uma estátua erguida em Luanda, capital de Angola, no ano de 2002 (**1C**). A moeda, a estátua e a embalagem de café, cumprem o papel de iniciar a problemática que será discutida ao longo do kit e fazem com que os alunos enxerguem Njinga como uma personagem importante a ponto de ter sua imagem veiculada em diferentes elementos.

O **documento 2A** é retirado da obra “*História geral das guerras angolanas*”, de António de Oliveira Cadornega, um historiador português, cristão-novo, que chegou em Angola em 1639, como militar. Nomeado pela

LEITURA DOS DOCUMENTOS

Coroa, ocupou diferentes cargos públicos, vivendo entre Luanda e Massangano até 1690. Ele resume a história de Anna de Souza (nome dado a rainha Njinga após o seu batismo), descrevendo sua aliança com grupos jagas africanos, a conquista do reino de Matamba e sua resistência ao avanço português nos territórios africanos. Cadornega era um europeu católico e por isso os posicionamentos de Njinga são retratados de maneira negativa. O **documento 2B**, como complemento, contém dois mapas que situam o contexto de disputas entre Njinga e os portugueses no continente africano e as conquistas territoriais da rainha.

Como **documento 3A**, temos o trecho retirado da obra *“Uma descrição Histórica dos três reinos: Congo, Matamba e Angola”* de Giovanni Antonio de Cavazzi, um capuchinho italiano que viajou para a região de Angola, em meados do século XVII, para cumprir uma missão catequizadora e que publicou seu livro em 1687, na Europa. O trecho descreve uma cena de negociação entre Njinga e os portugueses quando ainda não era a rainha e cumpria funções diplomáticas a serviço de seu irmão, Ngola-Mbandi. Njinga se recusa a tornar o reino de seu irmão um tributário de Portugal, alegando não pertencer a uma nação submetida.

Cavazzi ainda descreve o espanto dos europeus em ver uma mulher, desenvolta, negociando em pé de igualdade com um português, o que pode nos indicar que as estruturas patriarcais vigentes na Europa daquela época não se verificavam nessa região do continente africano. O trecho é acompanhado de uma gravura de Cavazzi e de uma releitura da mesma, mais atual (**documento 3B**) presente no livro *“Njinga Mbande, rainha do Ndongo e de Matamba”*, produzido pela UNESCO.

O **documento 4**, é retirado do mesmo livro do padre Cavazzi e é composto por um trecho e uma gravura que retrata a cena de batismo de Njinga. Aqui, em comparação ao documento anterior, a intenção é abordar a conversão à fé católica como uma aceitação de valores estrangeiros

LEITURA DOS DOCUMENTOS

deliberada, intencional, como uma estratégia para lidar com as empreitadas portuguesas através da aproximação.

Como **quinto documento**, nossa intenção é discutir as descrições de Njinga produzidas pelos estrangeiros. No **documento 5A**, retomamos um trecho do militar Cadornega onde ele compara as atitudes de Njinga perante seus exércitos ao comportamento que um “valente e entendido general”. O **documento 5B**, complementando, destaca a literatura de José Eduardo Agualusa, no livro “A rainha Ginga”, onde Njinga é comparada a seu irmão, por partilhar da “mesma vigorosa condição de macho” e não admitir “ser tratada como fêmea”. Como fica evidente, essas duas fontes masculinizam ao extremo a figura da rainha e, por isso, colocamos como **documento 5C** um trecho da tese de mestrado da historiadora Mariana Bracks que enxerga essa masculinização como um exagero, defendendo que o comportamento guerreiro da rainha, sua força física, agilidade e manuseio de armas foram interpretadas pelos europeus, como pertencentes ao universo masculino, porque estes, transpuseram os valores ocidentais patriarcais para interpretar realidades e estruturas sociais africanas diferentes, que permitiam mulheres em posições de poder e combate nas guerras.

Como **sexto documento**, retomamos a obra de Cavazzi para discutir um outro momento da trajetória de Njinga, o de aliança com os holandeses. Período considerado pela historiadora Mariana Bracks como de maior expansão da rainha, Njinga estendeu sua dominação para toda a região dos Ndembos e muitas outras localidades.⁷ O documento aponta que os portugueses decidiram se aliar ao inimigo político de Njinga, Ngola Ari após a mesma ter abandonado a fé católica. O padre reproduz uma justificativa dada pela própria rainha onde ela argumenta que o afastamento do catolicismo teria se dado pela invasão dos portugueses nos territórios africanos. Os “usurpadores”, nas palavras dela, teriam sido os responsáveis pela promoção da guerra e o uso das armas. Para Cavazzi, a aliança com os holandeses teria

LEITURA DOS DOCUMENTOS

representado uma “vingança” dos portugueses mas em nossa perspectiva, também pode ser interpretada como uma estratégia de resistência a uma nova conjuntura, a tomada de grande parte do território angolano pelas milícias holandesas.

Saindo dos documentos de época e vindo para os mais contemporâneos, o **documento 7A** é o poema de 1960, “Içar da bandeira”, de autoria de Agostinho Neto, vinculado ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e posteriormente, primeiro presidente da República de Angola (1975-1979). O poema foi escrito na prisão do Aljube em Lisboa, quando foi detido pelos portugueses por conta de suas atividades anticoloniais e faz alusão aos heróis do passado que também tentaram levantar a “bandeira da independência”, entre eles “Rainha Ginga”. O documento associa Njinga a imagem de uma heroína que lutou em defesa do continente Africano, contrapondo-se a visão das fontes anteriores escritas por europeus que viam essa rebeldia de Njinga como algo negativo, que prejudicava a expansão portuguesa pelo território.

O **último documento (7B)** é um excerto do livro de Ferréz, “Manual prático do ódio”, que narra a história de Paulo, um negro que pretendia repassar sua história ancestral para seus filhos, em um esforço de valorizar a história dos oprimidos e deslegitimar “os mito falsos” que foram criados pelos opressores, ou seja, as histórias oficiais. Nesse sentido, a rainha Njinga, junto com outros personagens, é tida como uma heroína brasileira por não se render aos seus opressores.

Esta documentos finais buscam, além de problematizar o poder e resistência de Njinga Mbandi, ampliar a discussão sobre documentos como construções, como registros elaborados a partir de conjunturas históricas e intenções específicas. Para os europeus, Njinga aparecia como um empecilho ao avanço português na região e por isso talvez, seja descrita com teores negativos. Para o MPLA, e muitos africanos e afrodescendentes, é engrandecida

LEITURA DOS DOCUMENTOS

e valorizada como uma figura resistente e por isso, as descrições são carregadas de adjetivos positivos. As memórias históricas, por serem construídas, estão longe de ser imutáveis, sendo reformuladas, ressignificadas ao longo do tempo.

Rodapés:

¹ Este kit adota a grafia “Njinga” utilizada no artigo de John Thornton que a justifica por corresponder às regras da nova ortografia Kimbundu adotada pela República Popular de Angola em 1980. Ver THORNTON, John K (1991). Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624–1663. *The Journal of African History*, 32, pp 25-40.

² MILLER, Joseph C. Miller. *Nzinga of Matamba in a new perspective*. *The Journal of African History*, 16, pp 201

³ THORNTON, John K (1991). Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624–1663. *The Journal of African History*, 32, pp 25.

⁴ SOUZA, Marina de Mello e. *Além do visível. Poder, Catolicismo e Comércio no Congo e em Angola (Séculos XVI e XVII)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2018, pp.97 a 106.

⁵ FONSECA, Mariana Bracks. Matamba: Novas terras, novos aliados. In: *Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola, século XVII*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015, pp.172.

⁶ SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo. A África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

⁷ FONSECA, Mariana Bracks. Matamba: Novas terras, novos aliados. In: *Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola, século XVII*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015

PROPOSTA DIDÁTICA

Documento 1:

01. Observe as imagens presentes no primeiro documento:

- a) Que tipos de documentos materiais estão representados?
- b) Em qual país esses documentos foram produzidos?
- c) Quem os documentos retratam?
- d) O que esses documentos têm em comum?
- e) Para você, os documentos fazem referência a alguém importante?

Por que?

Documento 2:

02. Leia o documento 2A, retirado da obra “*História geral das guerras angolanas*”, de António de Oliveira Cadornega, que foi um viajante português, cristão-novo, que chegou em Angola em 1639, como militar. Nomeado pela Coroa, ocupou diferentes cargos públicos vivendo entre Luanda e Massangano até 1690, quando, então, faleceu.

- a) Que tipo de documento é esse?
- b) A quem ele se destina?

03. Com base no trecho, o que o autor pretende dizer com a expressão “Apellido da terra”? E por que esse apelido foi substituído por Anna de Sousa?

04. Como o autor caracteriza os grupos Jagas?

- a) Como eles interferiram na relação de Njinga com os portugueses?
Escolha um trecho do texto para justificar sua resposta.

05. Quem eram os “vassalos conquistadores destes reinos”?

06. Quais foram as dificuldades encontradas pelos portugueses ao tentar dominar Matamba?

07. Como a Rainha Njinga é descrita no documento? Aponte alguns adjetivos utilizados pelo autor.

08. O autor enxerga a conquista de Matamba pela Rainha Njinga como algo positivo ou negativo?

09. A oposição de Njinga aos portugueses descrita no texto, pode ser entendida como um ato de resistência?

PROPOSTA DIDÁTICA

10. Observe o documento 2B:

- a) Que tipo de documento é esse?
- b) Qual continente está sendo representado?
- c) Retomando o documento 2A, quem teria percorrido o trajeto sinalizado pelas setas no mapa 2?

Documento 3:

11. O documento 3A foi retirado da obra de Giovanni Antonio de Cavazzi. Ele foi um capuchinho italiano que viajou para a região de Angola, em meados do século XVII, para cumprir uma missão catequizadora. Enquanto esteve por lá, registrou diversas histórias, lendas e acontecimentos que viu e ouviu, dando origem, mais tarde, a um livro publicado na Europa, em 1687, chamado *“Uma descrição Histórica dos três reinos: Congo, Matamba e Angola”*.

- a) Sobre quem o texto fala?
- b) Qual a relação deste texto com os documentos 1e 2A?

12. Com base no texto e nas imagens do documento 3B:

- a) O que os portugueses pretendiam com essa audiência (encontro)?
- b) Qual a intenção dos portugueses em cobrar o “ânno tributo” em troca de aliança com o Ngola-Mbandi?
- c) Por que Njinga se recusou a pagar o “ânno tributo”?

13. De acordo com os documentos:

- a) por que os presentes na audiência ficaram espantados com o comportamento de Njinga?
- b) Em sua opinião, por que o narrador ressalta que não era esperado de uma mulher aquele tipo de comportamento?

Documento 4:

14. O que os documentos retratam?

PROPOSTA DIDÁTICA

15. Retomando o documento 2A, por que Njinga teria virado “as costas a Deus”?

16. Em sua opinião, o batismo de Njinga pode ser entendido como um ato de submissão ou de resistência/adaptação, tendo em vista a relação conflituosa dela com os portugueses vista nos documentos anteriores?

Documento 5:

17. Observe os trechos destacados no documento 5A:

- a) Como Njinga é descrita?
- b) Em sua visão, porque ela comparada a um “valente e entendido general?”

18. Em relação ao documento 5B:

- a) Como Njinga é descrita?
- b) Em sua visão, porque ela possuía a “mesma vigorosa condição de macho e de potentado” e “não admitia ser tratada como fêmea”?
- c) Há semelhanças ou diferenças na representação de Njinga presente no documento 5A?

19. A partir do documento 5C, responda?

- a) Que tipo de documento é esse?
- b) Quem é o autor? Qual a sua profissão?
- c) Para a autora, por que Njinga foi descrita com comportamentos considerados masculinos nos documentos 5A e 5B? Separe trechos que comprovem sua resposta.
- d) Em sua opinião, Njinga realmente apresentava um comportamento tido como masculino, ou os autores europeus contribuíram para a construção de uma visão masculinizada da rainha?

PROPOSTA DIDÁTICA

Documento 6:

20. Em relação à primeira parte do documento. Por que os portugueses decidiram apoiar Ngola-a-Ari?

21. Em relação à segunda parte:

- a) Qual foi a reação de Njinga à proposta de aliança com os portugueses?
- b) Os portugueses dizem fazer um “favor” a Njinga em devolver suas províncias e a Rainha responde que esses territórios eram seus por direito legítimo. Em sua opinião, quem são, por direito, os verdadeiros detentores das províncias africanas?

22. Em relação à terceira parte:

- a) Quais os motivos apontados por Njinga para ter abandonado a fé católica?
- b) Quem seriam os “usurpadores” destacados por Njinga?

23. Em relação à quarta parte:

- a) Qual o ano dos acontecimentos descritos?
- b) Além da Rainha e dos portugueses, quais são os outros personagens que surgem em Luanda e são retratados no documento?
- c) Volte no mapa do documento 2B e identifique Luanda.
- d) Porque o autor do documento diz que esses novos personagens são uma oportunidade de Njinga se vingar dos portugueses?

24. Essa aliança com os holandeses pode ser interpretada como uma adaptação de Njinga a uma nova conjuntura onde os holandeses se tornaram fortes na região de Angola?

Documento 7:

25. Leia o documento 7A, ele foi escrito por Agostinho Neto, vinculado ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e posteriormente, primeiro presidente da República de Angola (1975-1979).

- a) Que tipo de documento é esse?
- b) Qual a data?
- c) Qual a intenção do autor em descrever Njinga como uma heroína?
- d) Como a Njinga se associa ao processo de independência de Angola?

PROPOSTA DIDÁTICA

e) Qual a diferença da descrição de Njinga deste documento para os anteriores?

26. Em relação ao documento 7B:

- a) Que tipo de documento é esse?
- b) Qual o autor e a data?
- c) Como Njinga é retratada?
- d) Que outras figuras são citadas além de Njinga? Você conhece alguma delas?
- e) Pesquise porque os personagens citados são considerados heróis

27. Observe a passagem: “Paulo (...) mostraria a história dos oprimidos que nunca se entregaram”. Retome os documentos anteriores e responda porque Njinga foi associada a uma oprimida que nunca se entregou?

28. Quais seriam os “mitos falsos dos opressores” citados no texto?

- a) Quem seriam esses “falsos heróis”?
- b) Se esses heróis são falsos, por que eles ganham estátuas espalhadas pela cidade?
- c) De acordo com esse documento, a estátua presente no documento 1 está associada aos falsos ou verdadeiros heróis? Por que?

Perguntas finais:

27. Produza uma pequena linha do tempo que destaque os principais momentos da relação entre Njinga Mbandi e os portugueses que foram trabalhados neste kit.

28. Como pudemos verificar ao longo deste kit, várias são as perspectivas e representações sobre a rainha Njinga, alguns documentos a descreveram de maneira negativa, outros de maneira positiva, o que nos faz pensar que histórias são construções que partem das intenções de quem as escreve. Qual a sua visão sobre Njinga Mbandi, depois do que leu e viu? Escreva ou desenhe a sua visão sobre essa rainha africana.

28. Retome os documentos e preencha tabela com os documentos que para você, indicam alguma forma de resistência por parte de Njinga. Mencione na primeira coluna o número do documento; Na segunda coluna, um trecho que represente a resistência; Na terceira coluna, classifique o tipo de resistência, por exemplo: Resistência armada, resistência por meio de acordos diplomáticos, resistência por meio de alianças comerciais, fuga...

PROPOSTA DIDÁTICA

DOCUMENTO	TRECHO QUE EXEMPLIFIQUE A RESISTÊNCIA	TIPO DE RESISTÊNCIA

1A:



1A. 20 kwanzas (2014). Angolan coins catalog. Disponível em: <https://worldcoinsinfo.com/world/angola-coins.html> Acesso em: 12 jul. 2022.



1B:



Café ginga, FONSECA, Mariana Brack. **Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora**, Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2018. p. 103. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31072018-172020/publico/2018_MarianaBracksFonseca_VOrig.pdf Acesso em: 12 jul.2022.



1C:



Estátua da rainha Njinga no Museu Nacional de História Militar. Disponível em: <[Rainha Njinga em nova moeda de Kz 20 - Rede Angola - Notícias independentes sobre Angola](#)>
Imagem de: Kindala Manuel/JAlmagens Acesso em: 12. jul. 2022.



2A:

(...) só o que nos resta explicar ao curiozo leitor he em como dona Anna de Sousa chamada pello apellido da terra Ginga, antes de se reduzir á nossa santa fé catholica, se fez Jaga, ella e todos os seus, sahida que foi dos reinos de Angola e Dongo; e como trouxe em seus serviços á nossa opposição alguns **quilombos** de Jagas, tomou e abraçou seus ritos e costumes; apoderou do Jaga Caza, e Caiete, e Donga, que o erão de seu nascimento; e com elles e seus poderes fez opposição e guerra viva aos vassallos conquistadores destes reinos, e foi também guerreando pello sertão dentro, fazendo suas conquistas; e com ellas apoderando-se de muitos senhorios, e terras, e entre elles do reino de Matamba, com ardil e esbulho de seus reys em que haviam entrado primeiro as conquistas dos nossos portuguezes vassallos da Coroa de Portugal e de sua Alteza Principe nosso Senhor, tendo havido naquelle reino e senhorio muitas batalhas e trances de guerra, ficando sempre o valor portuguez vencedor e com victorias contra os reys daquele reino de Matamba, como consta de papeis antigos dos conquistadores, que por serviço de seu Principe e exaltação da Fé Catholica ajudarão aquella conquista

2A (continuação):

(...) E como este dito reino de Matamba ficava tão distante pello sertão dentro, se não sogeitou nem assenhorou das nossas armas como devia ser; que arto havia que fazer com nossas armas com huma tão poderosa e astuciosa Rainha Ginga, com que teve logar com seu difformidavel poder de fazer frente e opozzição aos exercitos portuguezes, acudindo a tudo com denodado valor e dispozição; e sem embargo de ser por vezes do braço e bizzarria portugueza desbaratada, se tornava logo a refazer e se foi sempre sustentando e apoderandose pello sertão de tudo o que podia, como o fez do reino de Matamba, a que havemos chegado com a nossa navegação do caudalozo rio Coango, em cujo reino e quilombo vive ainda no dia de hoje, sougeita e esbulhada, a rainha antiga de Matamba, ou que foi de Matamba”

CADORNEGA, António de Oliveira de. **História geral das guerras angolanas (1681)**. 3 vols. Ed. Anot.Cônego José Mathias Delgado (vols.1 e 2) e Manuel Alves da Cunha (vol.3). Lisboa, 1972, p. 208- 209.

Glossário:

quilombo: No contexto de Angola, quilombos ou *Kilombo* eram acampamentos provisórios e fortificados, geralmente de formato circular, circundados por troncos, servindo de proteção e ponto de parada para os guerreiros Jagas durante suas constantes migrações.

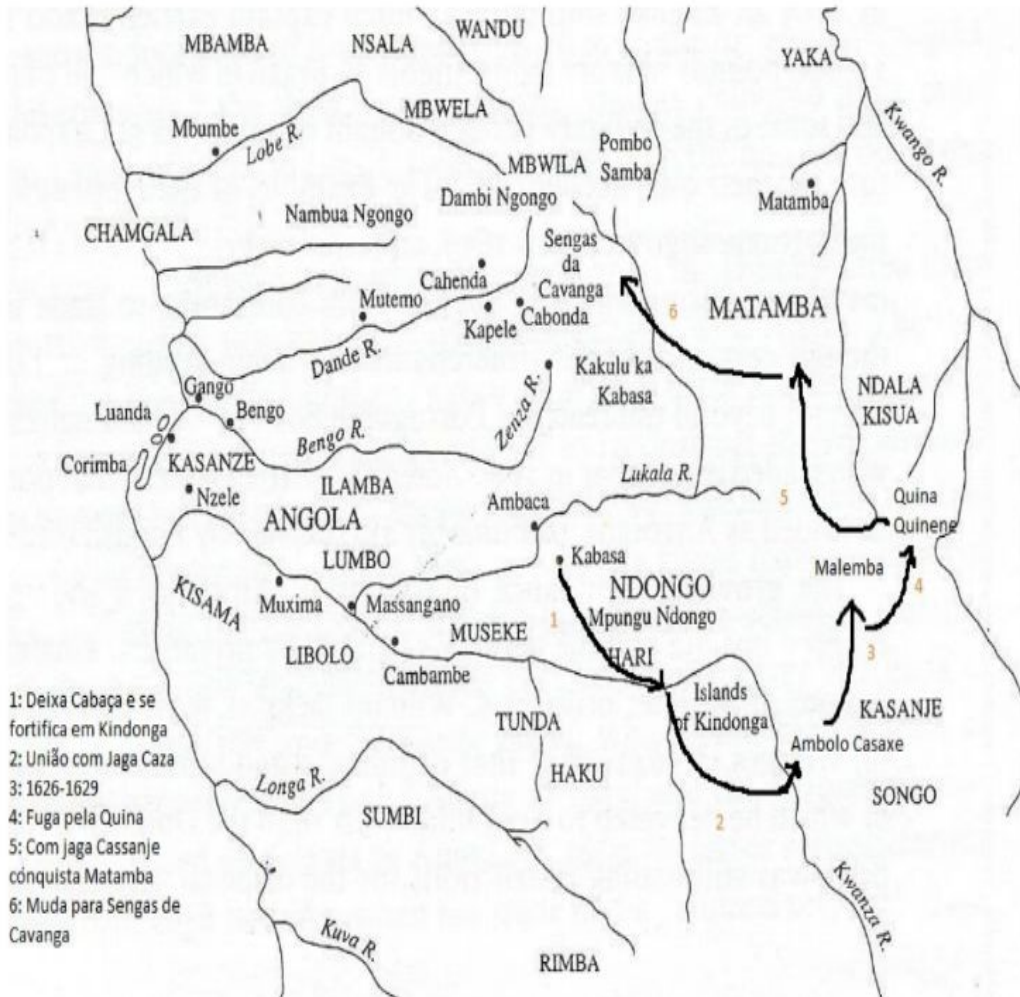
2B:



Mapa A: Antigos Reinos Ambundos. XAVIER, Francisco da Silva. **Fonologia segmental e supra-segmental do quimbundo**, Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, 2010, p. 17. Disponível em: <[Microsoft Word - tese-part1.doc \(usp.br\)](#)> Acesso em: 12. Jul.2022



2B:



África centro-ocidental, FONSECA, Mariana Brack. **Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora**, Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2018. p. 45. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31072018-172020/publico/2018_MarianaBracksFonseca_VOrig.pdf Acesso em: 12 jul.2022.



3A:

“Vendo colocada no lugar de honra uma cadeira de veludo com enfeites de ouro para o governador e em frente duas almofadas de veludo dourado sobre o tapete, parou e, sem mostrar embaraço e sem proferir palavra, acenou só com um olhar a uma das donzelas , que imediatamente se deitou no chão atrás da sua senhora, servindo-lhe de cadeira durante o tempo da audiência. Os presentes admiraram, todos pasmados, esta presteza em sair-se bem e a vivacidade de sua inteligência, nunca esperando duma mulher tanta desenvoltura. Usou ela de tal prudência, falando do seu irmão e pedindo paz, oferecendo a aliança e tratando com natural desembaraço todo o negócio pelo qual se apresentara, que os magistrados e os conselheiros ficaram sem palavras. E quando lhe foi dito que Ngola-Mbandi (Chefe do Ndongo ou Dongo) teria de reconhecer a Coroa de Portugal com ânno tributo, respondeu que tal condição só se podia exigir duma nação submetida, mas não duma nação que espontaneamente oferecia uma mútua amizade”.

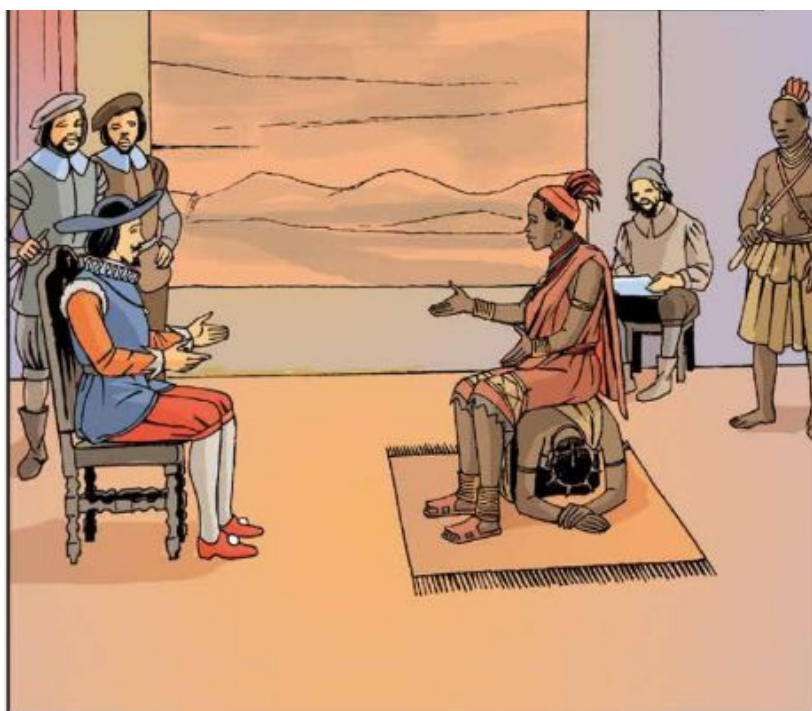
CAVAZZI, Giovanni. **Descrição histórica dos três reinos: Congo, Angola e Matamba.** Livro Quinto. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. p. 67- 68.

3B:



CS Digitalizado com CamScanner

CAVAZZI, Giovanni. **Descrição histórica dos três reinos: Congo, Angola e Matamba.** Livro Quinto. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. p. 67.



História em quadrinhos: Njinga A Mbande: Rainha do Ndongo e do Matamba. Disponível em: <[Njinga A Mbande: Rainha do Ndongo e do Matamba - UNESCO Digital Library](#)> Acesso em: 12. Jul. 2022.



DOCUMENTO 4

“Esse acontecimento (O batismo de Njinga), causou na sua alma uma alegria e uma paz extraordinárias, que duraram todo o tempo em que viveu bem, pois, como direi mais adiante, pouco tempo depois virou perversamente as costas a Deus.”



CS Digitalizado com CamScanner

CAVAZZI, Giovanni. **Descrição histórica dos três reinos: Congo, Angola e Matamba.** Livro Quinto. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. p. 68.

DOCUMENTO 5

5A:

“O mesmo trajo de guerra exercitva a Raynha Ginga, Dona Anna de Souza, quando guerreava e andava em seus exercitos, entrando nas batalhas animando os seus como outro Pantasilea Rainha das Amazonas, pondese em eminencia á vista dos seus para com isso os animar, e dali dispunha dando ordem ao que havão de fazer e obrar, como o pudera fazer hum valente e entendido general”.

CADORNEGA, António de Oliveira de. **História geral das guerras angolanas (1681)**. 3 vols. Ed. Anot.Cônego José Mathias Delgado (vols.1 e 2) e Manuel Alves da Cunha (vol.3). Lisboa, 1972.

5B:

[...] ostentava sobre os ombros uma capa vermelha de apurada oficina, e aquela capa parecia fazer refulgir seu rosto, como se um incêndio a consumisse. Ginga discutia em alta voz com o irmão, como se com ele partilhasse a mesma vigorosa condição de macho e de potentado. Já na altura não admitia ser tratada como fêmea. E era ali tão homem que, com efeito, ninguém a tomava por mulher

AGUALUSA, José Eduardo. A rainha Ginga. Rio de Janeiro: Foz, 2015, p. 12-13

5C:

“A meu ver, esta “masculinização” de Nzinga foi exagerada pelas fontes, principalmente pelos padres capuchinhos que quiseram demonstrar o quão bizarro e demoníaco era o comportamento de Nzinga enquanto viveu como Jaga.

Provavelmente, por todo o tempo em que esteve sob o comando dos Jagas, Nzinga apresentou um comportamento visto como masculino, no sentido guerreiro, transpondo o papel que as mulheres tradicionalmente tinham no interior do kilombo, dedicadas aos serviços domésticos. Nzinga comandou as tropas pessoalmente e era uma excelente lutadora, tinha força física, agilidade e sabia manusear bem as armas. Talvez fossem os europeus, seus opositores, que entendiam estas atividades como parte do universo masculino”.

FONSECA, Mariana Bracks. Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola Séc. **XVII**. 2012, Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo). P. 157 Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14032013-094719/publico/2012_MarianaBracksFonseca.pdf> Acesso em: 12. jul. 2022.



1ª PARTE:

“Uma manobra política dos Portugueses foi declarar que Jinga, por ter abandonado a fé católica, merecia ser destronada (...) Ngola-a-Ari, declarado rei do Dongo pelos Portugueses (...) era homem valoroso na guerra, de estirpe real, de costumes não completamente bárbaros, merecedor daquela dignidade”

2ªPARTE:

“(Os portugueses) Propuseram então à rainha novos tratados de aliança, com a promessa, em nome da coroa de Portugal, de que lhe devolveriam suas províncias, (...) sob a condição de ela reconhecer estes favores como ânno tributo. Alterou-se extremamente a feroz rainha (Njinga) com estas propostas. (...) Respondeu, por conseguinte, que tais pretensões deviam ser feitas a um vencido desanimado e não a quem tinha por si todos os direitos e a coragem para sustentá-los”

3ªPARTE:

Confissão de Njinga ao Cavazzi sobre voltar para a fé católica: “Estou fora do bom caminho e, infelizmente, para não tornar ludibrio dos meus povos, terei de continuar assim até os **usurpadores** me devolverem quanto me tiraram. Vós sois testemunhas da minha infelicidade, vendo-me obrigada a viver no meio de carnificinas e das armas. Rogai Deus que tire todos os obstáculos, porque a minha fraqueza não pode afastá-los”

4ª PARTE:

“No mesmo ano de 1641 compareceu no porto de Luanda uma formidável armada de vinte e dois navios carregados de milícias holandesas, que fàcilmente se apoderaram da cidade e de grande parte do reino de Angola. (...) Esse desastre e novas perturbações apresentaram a Jinga a oportunidade de se vingar dos Portugueses. (...) (Jinga) enviou uma solene embaixada aos Holandeses, felicitando-os pelos seus progressos e exibindo as suas forças para sustentá-los, e pedindo apenas que aceitassem como aliada”

CAVAZZI, Giovanni. **Descrição histórica dos três reinos: Congo, Angola e Matamba**. Livro Quinto. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. p. 76-85

Glossário:

Usurpador: Pessoa que toma, através da violência e/ou de maneiras ilícitas, o que não lhe pertence: usurpador de mercadorias. Característica do que ou daquele que usurpa; que engana ou se apodera daquilo que não lhe pertence.

7A:

O Içar da Bandeira, Agostinho Neto (Primeiro presidente de Angola)

Quando eu voltei
Qualquer coisa gigantesca se movia na terra
Os homens nos celeiros guardavam mais
Os alunos nas escolas estudavam mais
O sol brilhava mais
(...)
Mais do que a esperança era certeza
Mais do que bondade era amor
Os braços dos homens
A coragem dos soldados
Os suspiros dos poetas
Tudo todos tentavam erguer bem alto
Acima das lembranças dos heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
Todos tentavam erguer bem alto
A bandeira da independência

Cadeia do Aljube em Lisboa
Agosto de 1960

NETO, Agostinho. Sagrada esperança. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1979. p. 123. Disponível em : <<https://archive.org/details/dli.ernet.484991/page/n69/mode/2up>> Acesso em: 12. jul. 2022.



7B:

“Paulo era negro, sabia tudo sobre a história de seus ancestrais, conhecia de cor as histórias fantásticas de Zumbi, de Anastácia e era apaixonado pela rainha Nzinga, sempre se imaginava contando a história dos verdadeiros heróis brasileiros para seus filhos, falaria da coragem e do talento de Clementina de Jesus, e contaria para a pequena sobre todos os sofredores que ajudaram a construir tudo o que eles estavam vendo desde que nasceram, mostraria a história dos oprimidos que nunca se entregaram, mas desmantelaria para os futuros filhos os mitos falsos dos opressores, os mesmo falsos heróis que matavam índios e negros e depois ganhavam estátuas espalhadas pela cidade”

FERRÉZ. Manual Prático do Ódio. São Paulo: Planeta, 2014